

## **A capela da fazenda de São Joaquim da Grama**

Próximo ao casarão da fazenda da Grama, em Rio Claro, RJ, no Vale do Paraíba Fluminense, numa elevação de terreno está a monumental capela de São Joaquim da Grama. Construída pelo Comendador Joaquim José de Souza Breves, “rei do café no Brasil Imperial”, o templo serviu de repouso para seu criador e sua família por algum tempo.

De arquitetura religiosa neoclássica, de planta simétrica e complexa, a bela edificação é representativa do século XIX, destacando-se a presença do frontão triangular na fachada, a simetria de suas torres, e a presença de afrescos e adornos dourados, remanescentes do barroco.

## **O comendador Joaquim José de Souza Breves - rei do café no Brasil Imperial**

Nascido em 1804 na fazenda Manga Larga de seu pai, o capitão mór José de Souza Breves, o Comendador Joaquim José de Sousa Breves foi o maior proprietário de terras e escravos no Brasil Imperial. Chamado de "rei do café" pelos seus pares em 1860 por conta da produção recorde de 360 mil arrobas de café colhidas nas terras, cerca de 1,5 % da safra brasileira, que segundo ele, podia ir do mar de Mangaratiba até o Piumbí em Minas Gerais, pisando sempre em terras suas.

Casou-se com sua sobrinha, Maria Isabel Breves de Moraes , filha dos barões de Piraí - José Gonçalves de Moraes e Cecília Pimenta de Almeida Frazão de Souza Breves, sua irmã. Nessa mesma data foi agraciado com a comenda da Ordem de Cristo.

Por nascimento e posição foi admitido no Paço como moço fidalgo da Casa Imperial. Em 15 de agosto de 1822 em São João Marcos, incorporou-se à comitiva regencial, com Guarda de Honra de D. Pedro, indo a São Paulo e Santos, na volta assistiu o grito da independência, no Ipiranga. Dos presentes que presenciaram esse fato histórico Souza Breves foi o último a falecer.

Participou ativamente da política, filiado ao partido liberal. Em 17 de maio de 1842 eclodiu o movimento revolucionário liberal, do qual foi um dos chefes na Província do Rio de Janeiro, em zona limítrofe a São Paulo. Mantinha ligação com o Comendador Antônio José Nogueira, de Bananal. Os Breves de Piraí, tramaram nessa cidade, mediante o pagamento de 10 contos de réis, o assassinato do Major Pedro Paulo, comandante das forças de vanguarda, que já haviam atingido Areias. O plano fracassou. Caso vencesse a revolução, o Comendador Joaquim José de Sousa Breves seria

indicado para presidir a Província do Rio de Janeiro. Com a prisão do brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar e do padre Diogo Antônio Feijó, terminava a revolução em 12 de julho de 1842.

Em 7 de novembro de 1848 estala outra insurreição liberal em Pernambuco, chamada Praieira, cujo chefe militar foi o Capitão Pedro Ivo Veloso da Silveira. O combate decisivo se deu em Recife em 2 de fevereiro de 1849, com a vitória das forças legais. Pedro Ivo foi preso e encarcerado na fortaleza da Laje, no Rio de Janeiro.

Foge da fortaleza aquele chefe militar rebelde, levado na carruagem de Teófilo Ottoni para a casa do Senador José Martiniano de Alencar. Sousa Breves, fervoroso adepto do partido liberal, protege os revoltosos de Pernambuco, homisiando Pedro Ivo em uma de suas fazendas.

Foi presidente da câmara de Piraí, deputado geral em 1878 na legislatura que procedeu a primeira eleição direta.

### **O início da construção da capela**

Em 30 de abril de 1887, o comendador Joaquim Breves temendo por sua saúde precária, com idade de 85 anos, declarou em seu testamento que estava construindo um templo:

*"Declaro que estou construindo um templo no campo desta minha fazenda de São Joaquim, e que quero que seja concluído si por acaso não o for durante minha vida, ficando em estado de se poder celebrar Ofícios Divinos. Este templo terá as catacumbas precisas para serem depositados não só os meus restos mortais, quando Deus for servido chamar-me a sua presença, como também os de toda minha família e de mais amigos que quiserem ali ser depositados, assim como os de meus descendentes. Quero também ali sejam depositados os ossos de meus falecidos pai e mãe, requerendo-se o que preciso a quem de direito para tal fim. Se construirá um cemitério para serem nele sepultados todos meus escravos e libertos que falecerem. E para patrimônio da dita igreja, lego um terreno em redor do mesmo templo, que levará três alqueires de planta de milho (medida antiga), pouco mais ou menos, sendo a divisa na grota da pedreira, principiando na cerca de bambus pelo córrego abaixo até a estrada que segue para a fazenda São Sebastião, e por essa direção até defronte da outra cerca de bambus, e por essa adiante até voltar à grota da pedreira já mencionada onde começa a mesma divisa.*

*Declaro mais que quero que sejam depositadas no Tesouro Público Nacional, setenta apólices gerais da dívida pública do valor nominal de 1 conto de réis cada uma, as quais ficarão depositadas perpetuamente afim de que os juros que vencerem sejam aplicados da maneira seguinte:*

*Os juros de sessenta para o ordenado do Padre que servir de capelão na referida igreja, o qual achará casa decente para sua residência, ficando obrigado o Padre que servir de Capelão a aí residir, exercendo as funções de seu ministério, ou celebrar missas durante todo o ano gratuitamente, salvo força maior, por intenção de minha alma e dos membros da minha família, escravos, libertos e amigos que forem depositados na dita Igreja e sepultados no cemitério da mesma...*

*... Os juros das dez apólices que restam das setenta já mencionadas serão aplicados para conservação e limpeza do templo, bem como das plantações que existirem ou possam existir em redor da Igreja e no Cemitério.*

*Fazenda São Joaquim da Grama, 30 de abril de 1887.*

O potentado do café, intitulado por seus pares de "rei do café no Brasil Imperial", senhor de milhares de escravos, uma centena de propriedades e uma frota de navios e barcos para suportar o tráfico de africanos, foi modesto e humilde em seu testamento, quanto às disposições relativas à sua morte. Diz o comendador Joaquim Breves:

*"Em nome de Deus, Amém. Eu, Joaquim José de Souza Breves, como cristão católico apostólico romano que sou, em qual religião nasci e fui criado e educado... logo que eu falecer e tenha de dar-se o meu corpo a sepultura, recomendo que seja vestido com roupa preta de meu uso para ser sepultado em uma das catacumbas do templo que estou mandando construir, e que o caixão em que for encerrado seja na maior simplicidade, sem galão algum, nem de prata, nem de ouro, e quando muito de lã preta, forrado se for necessário apenas de baêta, sendo conduzido meu corpo ao último jazigo por seis pobres, aos quais o meu primeiro testamenteiro dará a esmola que lhe parecer".*

Declarava ainda, que apenas os sinos fossem tocados pelo rito da Igreja, que não houvesse pompa, somente simplicidade na cerimônia funérea. Sua vontade expressa no testamento foi que não celebrasse missa de sétimo dia: *"porque a considero como ser uma ocasião pungente de*

*dores mortais, ou como cena de afetação que dá lugar a comentários impróprios de uma ocasião tão lúgubre e melancólica".*

O legado foi cumprido pela testamenteira, a viúva inventariante Dona Maria Isabel de Moraes Breves, sua sobrinha. As terras da capela foram separadas da fazenda da Grama. Para pagamento de sua vintena e cumprimento das verbas testamentárias temos:

Vintena	19:319\$540
Patrimônio da Capela	70:000\$000
Para as construções	15:000\$000
Terreno da capela	600\$000
Total	104:919\$540

As terras da Capela estavam separadas no inventário de Joaquim Breves, conforme sua vontade expressa no testamento, e assim foi cumprido este legado por sua mulher Dona Maria Isabel. Ela recebeu sua meação de viúva em maio de 1891, excluindo o legado para a Capela e cemitério.

Por conta de uma penhora executada pela Cia Mercantil Hipotecária em imóveis recebidos - chácara e prédios em São Cristóvão no Rio de Janeiro, a dívida não foi inteiramente paga. Mesmo assim os 3 alqueires de terras anexos à Capela, Casa do Vigário e Correios, e o Cemitério não entraram na dívida.

Em 21 de junho de 1909, uma nova penhora nos bens da viúva de Joaquim, efetuada pelo genro Joaquim Streva, este arrematou o direito em ação de todos os herdeiros à herança de Dona Maria Isabel. No auto de imissão de posse de 10 de março de 1910, um abuso praticado pelos oficiais de Justiça que compareceram à fazenda da Grama, incluíram:

"... uma construção destinada ao culto religioso, com todas as suas alfaias".

Com esta medida arbitrária a Igreja, a casa do Capelão, agência dos Correios e cemitério contíguo, e três alqueires de terras, foram incorporados à fazenda da Grama, contrariando a vontade do proprietário deixada em testamento.

### **O oratório e a capela da fazenda da Grama**

As propriedades rurais do Brasil colonial e particularmente do período cafeeiro nos Oitocentos, tradicionalmente possuíam uma capela interna, oratório ou um anexo para orações incorporadas às casas maiores. A fazenda de São Joaquim da Grama não fugiu à regra da arquitetura e devoção. Cidades surgiram a partir de fazendas e o nome do lugar era o nome do santo da devoção dos proprietários. Exemplos não faltam: São José do Pinheiro pertencente ao comendador José Breves, irmão de Joaquim, hoje é Pinheiral, um município do Rio de Janeiro; Sant'Ana do Pirai e São Sebastião da Barra Mansa são outros exemplos.

Uma capela, ou melhor, uma igreja da proporção de São Joaquim da Grama, pertencendo à uma casa grande, demonstrava o poderio do senhor fazendeiro, suas posses, sua ligação com a religião e poderia aplacar sua consciência escravocrata.

A propriedade célula-mater da fantástica produção de café dos Breves foi dada em orago a São Joaquim, pai da Virgem Maria. Da imagem original não se sabe o destino. Quando Joaquim Breves e Dona Maria Isabel de Moraes Breves morreram a fazenda passou por diversas mãos.

Segundo Armando de Moraes Breves, em sua excelente crônica do cotidiano da família Breves – O reino da Marambaia - , a bengala de ouro de São Joaquim foi roubada e em seu lugar haviam colocado um cabo de vassoura. Um descaso e falta de respeito comentados por uma antiga escrava que ainda vivia na Grama. Ele mesmo, assistiu ainda menino uma missa na igreja da Grama celebrada por Monsenhor Brito, que mais tarde se tornou arcebispo de Olinda. Eis o seu relato:

*"A igreja da Grama tinha catacumbas para a família. Ao lado, o cemitério dos escravos e dos libertos. Entre os que estavam na missa, minha avó Justina Breves, a professora Alice Bouty, uma porção de parentes, além de visitantes...*

*Sentado, atrás, o antigo pessoal da senzala: pretos velhos, crias, mucamas de chulé e rosário".*

Para se ter ideia das dificuldades em se obter a permissão para celebrar missas e ter à sua disposição de um sacerdote para os cultos, exemplificamos com o pedido feito pelo comendador Breves em 1871, para utilizar seu oratório particular no interior da casa grande de São Joaquim da Grama. Lembramos que a Grama, residência principal de Joaquim e central de todos os seus negócios era uma pequena cidade, com hospital, engenho, tulhas, senzalas e uma população de escravos e agregados que passavam de duas mil pessoas.

Atendendo o pedido do "rei do café", o Núncio Apostólico D. Sanguini autoriza a celebração do Santo Ofício na capela interna:

*"Sua Alteza Imperial A. Regente em nome do Imperador, atendendo ao que representou o Comendador Joaquim José de Souza Breves, morador em sua fazenda denominada "São Joaquim" situada na freguesia do Passa-Três, Província do Rio de Janeiro.*

*Há por bem conceder-lhe licença para que da Nunciatura Apostólica impetre Breve que o permita durante sua vida e salvos o direitos paroquiais, fazer celebrar o Santo Sacrifício da Missa no oratório da referida fazenda. Palácio do Rio de Janeiro, em 30 de agosto de 1871.*

Em 29 de setembro de 1871, o Núncio Apostólico solicitou ao comendador Joaquim Breves que o Oratório deveria estar separado do uso profano em todos os dias festivos para que se efetivassem as celebrações litúrgicas. Observadas essas exigências, o Oratório passou a funcionar.

Passados quase oito anos, em 28 de julho de 1880, um vigário foi designado para uma visita ao Oratório da fazenda da Grama. Em seu relatório ao Governador do Bispado extraímos o seguinte relato:

*Exmo. Senhor, Felix Maria de Freitas Albuquerque, Vigário Geral de Governador do Bispado.*

*Em cumprimento das suas mui prezadas Ordens, fui visitar o Oratório do Ilmo. Sr. Comendador Joaquim José de Sousa Breves, na sua fazenda da Grama, em Passa-Três, para dar a V. Excia. Rvma. As informações seguintes, em conformidade do Breve de Exma. Revma. Nunciatura Apostólica no Rio de Janeiro de 24 de julho corrente.*

*O referido oratório está separado de todo o uso profano, decentemente ornado, e tem tudo quanto é preciso para o Santo Sacrifício da Missa. Não tem dormitórios, nem aposentos de forma alguma, nem por cima, nem aos lados, nem por baixo do mesmo oratório. O altar está fixo; a pedra d'ara sagrada, e inteira, e intacto o sepulcro das Relíquias da mesma.*

*O cálice e patena estão sagrados pelo Bispo; é dourado dentro da copa, e a patena na parte superior, e ainda não foram de novo dourados. O altar além do forro de pedra d'ara e do mesmo Altar, tem três toalhas conforme as rubricas. Todas as toalhas do altar, amitos, alvas, corporais, palas, sanguinhos, são de linho. Tem cinco paramentos da missa, para as cinco cores litúrgicas, em separado, a*

*saber, branca, vermelha, rosa, verde, e preta. E por verdade escrevi a presente, que assino. O Vigário Encomendado, Pe. Pedro Mottula.*

Processo semelhante passou a Igreja de São Joaquim da Grama, que em 1880, quando o padre Pedro Mottula visitou a fazenda, estava ainda em construção. Uma provisão da Nunciatura Apostólica datada de 30 de julho de 1897 e assinada por Monsenhor José Baptista de Araújo, Vigário Geral, com validade de um ano, diz sobre o estado da Capela de São Joaquim e provisiona como Capelão da mesma o Reverendíssimo Padre João Maria Osório Pinto. Na ausência do escrivão, assinou o Padre Theodoro da Silva Rocha.

Nas seis catacumbas da nave da Igreja de São Joaquim da Grama as pedras diziam:

Comendador Joaquim José de Souza Breves

Nascido em 2 de 1804

Falecido em setembro de 1889

D. Maria Isabel de Moraes Breves

Nascida em 02 de março de 1814

Falecida em 11 de março de 1894

D. Leôncia Breves de Oliveira Bello

Nascida em em 18 de junho de 1854

Falecida em 21 de julho de 1906

D. Maria Isabel Breves Costa

Nascida em 2 de março de 1841

Falecida em 14 de fevereiro de 1915

A partir de 30 de maio de 1962 foi concedida uma permissão para que o Sr. Rômulo Streva parente dos Breves, transferisse os corpos do comendador Breves, sua mulher e filhos para o Cemitério Municipal de Barra do Pirá. A transferência se deu em função da violação do túmulo de Ana Clara Breves Costa Streva, no caso do crime de Dana de Tefé.

Em 1964, Padre Reynato Breves, biógrafo da família, autor da "A saga dos Breves", obra preciosa sobre a família, foi pároco de Passa Três, e recordava-se com saudades da igreja ainda intacta, e servindo de última morada para os seus parentes.

## A fazenda de São Joaquim da Grama

Sua fazenda de São Joaquim da Grama situada em Passa Três, Rio Claro, RJ, foi a matriz de outras dezenas de propriedades e centro de decisões políticas da região até 1889, ano de sua morte.

Luis Ascendino Dantas, escritor nascido em São João Marcos descreve a propriedade:

*"São Joaquim da Grama fazia lembrar uma pequena e pitoresca cidade entre montes e arvoredos, onde ao lado de um grande movimento, encontrava-se a paz, o conforto e todos os atrativos da vida social, mercê da hospitalidade generosa e cavalheiresca do Comendador Joaquim Breves e de sua Exma. consorte Dona Maria Izabel de Moraes Breves. Ali se reuniam frequentemente, em visita e em estação de recreio as mais distintas famílias do Rio de Janeiro, ligadas à família Breves por laços de amizade ou de parentesco.*

*O prédio de residência, de estilo colonial, imenso e majestoso, qual um castelo feudal, ficava à cavaleiro, construído sobre muralhas em anfiteatro, rodeado de lindos jardins e pomares, e dominando o vale, sulcado por aprazível ribeiro em vasto campo gramado, e mais além, um lindo panorama de serranias, esbatendo-se no horizonte pelo lado do poente. Tendo cerca de 45 metros de frente, era formado da parte central, de duas alas com dois pavimentos, dispostos simetricamente. Duas velhas escadarias de cantaria, pela ala direita e esquerda, atingiam um magnífico jardim, com estatuetas e azulejos, tudo do estilo genuinamente colonial, supenso sobre a muralha da frente. Por esse plano tinha acesso o primeiro pavimento das alas. Outras duas escadarias davam acesso à entrada principal, no segundo pavimento, defrontando ali outro jardim, elevado sobre uma segunda muralha circular. Os vastos salões e aposentos, as áreas ajardinadas, varandas e dependências, que formavam o grandioso conjunto desta construção senhorial, podendo hospedar mais de duzentas pessoas, faziam evocar os maravilhosos palácios da antiguidade.*

Em "Guanabara la Superbe", livro da Embaixatriz Louise Hermite Ternaux-Compans, ocorre outro depoimento sobre as propriedades e estilo de vida dos Breves. O pai da autora, Maurice Ternaux-Compans, diplomata francês servindo na legação do Rio de Janeiro em 1876, visitou a Fazenda da Grama.



*No dia seguinte partimos para a Gramma. Lá nos caberia o ensejo de encontrar os proprietários e deles receber o mais amável acolhimento. Depois de três horas em lombo de besta, chegamos à sede da fazenda. E isto sem termos saído das terras dos nossos hospedeiros. O chefe da família, Coronel Joaquim José de Souza Breves não sabe uma só palavra de francês. Como meu português ainda não seja suficientemente compreensível, chamou suas filhas e netas que vieram acompanhadas da Sra. Breves, personalidade superior que a natureza fez crescer grande fidalga. Considerável séquito trazia a fazendeira: "professora alemã" e, uma série de primas pobres, legítimas e naturais, e outras pessoas seguidas ainda de um batalhão de negrinhos e negrinhas. Como as moças da família falassem corretamente o francês, pusemo-nos imediatamente a tagarelar como velhos conhecidos. Para distração nossa os fazendeiros fizeram com que os pretos dançassem durante à noite "lundus e cateretês". A seus gritos mais selvagens que harmoniosos, acompanhavam o tambor e a guitarra, mas as melodias, pelo menos as que ouvi, pareceram-me canções ciganas e cantos árabes, de tão poéticas em sua monotonia. O diplomata francês teve a impressão que os escravos na Gramma eram mais livres. Circulavam pela casa-grande com desenvoltura e moravam num arraial de casas de barro ao lado da propriedade. Entusiasmado o francês retratou num esboço a óleo o quadro que vira.*

## **Tombamento e destombamento**

Em 19 de setembro de 1989, terça feira, o Jornal do Brasil, caderno cidade, publicava o artigo: "Cidade é tombada novamente - Estado preservará o que resta de São João Marcos".

*... O tombamento foi anunciado pelo diretor do INEPAC, Jorge Czajkowski ao visitar a Ponte Bela, próxima das ruínas de São João Marcos, a 27 Km de Rio Claro e a igrejainha da fazenda de São Joaquim da Gramma, localizada em Passa Três.*

*... Os tombamentos vêm sendo tentados desde 1966, quando o pedido foi encaminhado à Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan). O Inepac recebeu a solicitação em 1984, feita pelos irmãos Maria Célia e José Carlos de Abreu. Tudo ficou no papel ...*

Por iniciativa da Secretária de Cultura Elvira Brum, na época vice-prefeita de Rio Claro, a igreja foi tombada pelo INEPAC – Instituto do Patrimônio Estadual de Cultura em 1990 (processo E-03/1.800/89 e tombamento provisório em 16 de fevereiro de 1990), junto com o sítio histórico de São João Marcos – cidade inundada pela Light S.A. para construção da Usina de Fontes.

A cidade de São João Marcos foi a primeira cidade tombada pelo SPHAN em 1939. O seu destombamento realizado em 1940 pelo Governo Vargas através do Decreto Lei nº 2.269 permitiu a LIGHT o direito de construir uma represa em Ribeirão das Lajes, em Piraí, RJ, para atender o aumento da distribuição de energia elétrica para o Rio de Janeiro, e consumo de água potável. A cidade foi demolida e inundada acabando com o seu rico patrimônio histórico: ruas calçadas com pedras, casario colonial, igrejas, cemitério e teatro.

A secretária Elvira Brum, através da Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer de Rio Claro, enviou uma carta ao Padre Reynato Breves comunicando o tombamento:

*Ao Padre Breves*

*Temos o prazer de informar que a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, em publicação no Diário Oficial de 16 de fevereiro de 1990, decretou finalmente o tombamento de 3 monumentos do patrimônio histórico de nosso município: A ponte Bela, as Ruínas de São João Marcos e a Capela de São Joaquim da Grama.*

*... é pois com imensa alegria que desejamos partilhar mais esta vitória alcançada, importante para a divulgação, modernização, renascimento cultural e resgate do rico passado histórico de nosso Município. Atenciosamente, Elvira Augusta Brum Soares.*

### **Uma tentativa de recuperação da capela**

O Grupo Casarões da UFF - Universidade Federal Fluminense, formado pelos Drs. Luiz Pinheiro Guia, Mateus de Carvalho Martins e Vicente Custódio Moreira de Souza, realizou um extenso trabalho de pesquisa e levantamento da situação da capela, com apoio da CAPES e CNPQ de auxílio financeiro ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da UFF. O grupo criado em 1998 por Vicente Custódio iniciou suas atividades com o apoio da FAPERJ, que concedeu uma bolsa de iniciação científica e outra de apoio técnico. O desabamento de inúmeras

construções antigas no Rio e em Niterói, também representou um estímulo à criação do grupo.

Utilizando ferramentas computacionais gráficas puderam mostrar plantas e perspectivas do bem tombado. Lamentando ao final do trabalho dizem:

*"... a preservação da capela, apesar da escassez de recursos, é necessária, devido à construção ser uma das mais importantes capelas rurais do século XIX no Estado do Rio de Janeiro, testemunho do poder "imperial" de dos plantadores de café da região. Além disso, a capela é um monumento de reconhecido valor histórico, artístico e arquitetônico, o que provoca o interesse da população local e da Prefeitura Municipal de Rio Claro/RJ em resgatar este patrimônio edificado, tombado desde 1990 pelo Estado.*

*As medidas urgentes são necessárias para evitar problemas mais sérios como a perda sucessiva de estruturas até o seu arruinamento total".*

Analisando a arquitetura da Capela o grupo de engenheiros ressalta:

*A Capela de São Joaquim da Grama apresenta uma monumentalidade pelas proporções de seus planos verticais e pela sua implantação no alto de uma colina, numa topografia acidentada marcada por vários morros. Apresenta simetria definida pela planta em forma de cruz latina com proporções neoclássicas. Sua volumetria é definida por quatro corpos distintos:*

- 1. o mais alto à frente composto pelas torres, átrio e coro;*
- 2. nave central;*
- 3. capela-mor, ligeiramente mais baixo;*
- 4. sacristias laterais, mais baixas e encimadas por balaustradas externas.*

### **O turismo no vale – salvação para a ruína fluminense**

O governador Sérgio Cabral inaugurou recentemente o asfaltamento da Avenida Severino Campos de Oliveira, no quilômetro 107 da antiga Rio - São Paulo, em Fazenda da Grama, Rio Claro, município da Região do Médio Paraíba.

- Estou muito feliz em dar este asfalto à comunidade da Fazenda da Grama. E desde já me comprometo a atender os três pedidos do prefeito Didácio: o asfaltamento da RJ - 149, entre Mangaratiba e Rio Claro, com o início das obras ainda este ano; interceder junto as empresas de telefonia celular para que façam a cobertura em todo o município, e acionar empresas da região para financiar a restauração da bicentenária Igreja São Joaquim da Grama – disse o governador.

### **A milionária tcheca e o advogado do diabo na capela da Grama**

No dia 29 de junho de 1961 saiu do Rio de Janeiro com destino a São Paulo a milionária Dana Fitscherova, nascida na Tchecoslováquia. Ela simplesmente desapareceu. Dana de Tefé, como ficou conhecida ao se casar com o embaixador brasileiro Manuel de Teffé von Hoonholtz, descendente do Barão de Teffé e do Conde von Hoonholtz, tornou-se riquíssima. Naquele fatídico dia ela estava na companhia do seu advogado Leopoldo Heitor, que cuidava da separação do casal, e que apresentou três versões para o desaparecimento de Dana.

Levado aos tribunais, a Justiça considerou o advogado inocente, e no período de 1963 e 1971 ele enfrentou quatro julgamentos, sendo condenado no primeiro e absolvido nos demais. Leopoldo ficou famoso no crime da Rua Sacopã que levou à condenação do tenente Alberto Bandeira. Ganhou o apelido de “advogado do diabo”.

Com uma procuração, o advogado vendeu o apartamento de sua cliente embolsando uma considerável fortuna. Após fugir por duas vezes, reapareceu e foi condenado a 49 anos de prisão. Em 1964 o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro anulou a sentença livrando-o da prisão. Novamente foi a julgamento, desta vez, em Rio Claro, RJ e foi absolvido de todos os crimes, tendo participado em defesa própria, usando da excelente oratória que possuía e da alegação principal – a falta do cadáver.

Os jornais da época repercutiram diariamente o caso Dana Tefé e as manchetes eram sensacionalistas: Suspeitas de que os despojos de Dana estão na tumba violada. (O Globo, 16 de abril de 1962); Marcado o júri da decisão para o advogado do diabo. (O Globo, 27 de fevereiro de 1969).

O advogado possuía um sítio em Rio Claro na ocasião do sumiço de Dana, e a proximidade da Capela da Grama, num local afastado, com catacumbas e cemitério ao lado, no interior do Estado, era um excelente pano de fundo e ótimo local para ocultar um corpo.

O Jornal Última Hora (sexta feira, 20 de abril de 1962) estampou em suas páginas: "Perícia constatou: corpo estranho na tumba violada"; Bispado confirma interdição da Igreja profanada pela "gang" do Sacopã" e Dana emitiu cheques após a denúncia de sua morte".

Confirmada a hipótese de violação de um dos túmulos perpétuos da família Breves, o bispo de Barra do Piraí e Volta Redonda, Dom Agnelo Rossi, interditou a igreja da Grama para todos os ofícios religiosos. A partir desta data a igreja entrou em inexorável processo de ruína.

Até os mortos abandonaram a capela. O Sr. Joaquim Streva retirou todos os restos mortais da capela e levou-os para o cemitério de Barra do Piraí. A igreja virou point sobrenatural onde jovens se divertem em se deitar nas gavetas mortuária abertas, e à noite esperam por fantasmas que cismam em não aparecer. Apenas bois e morcegos a visitam. Ficou o bordão repetido inúmeras vezes por pelo escritor e cronista Carlos Heitor Cony, em alusão aos vários mistérios insolúveis do Brasil: "Onde estão os ossos de Dana de Teffé?".

## Cronologia

Fevereiro de 1804	Nascimento de Joaquim José de Souza Breves
30 de agosto de 1871	atendimento do pedido de celebrar missas no Oratório
29 de setembro de 1871	solicitação do Núncio Apostólico para separação de uso profano
28 de julho de 1880	visita do vigário Pe. Pedro Mottula ao Oratório
30 de abril de 1887	Declaração no testamento
1888	Data provável de término da capela. Início dos sepultamentos no cemitério ao lado.
30 de setembro de 1889	Morte de Joaquim Breves - sepultado na Capela de São Joaquim da Grama
A partir de 1897	Batizados e sepultamentos
12 de março de 1894	Morte de Dona Maria Izabel de Moraes Breves, esposa de Joaquim Breves
19 de setembro de 1989	Jornal do Brasil

## Serviço religioso no Oratório e Capela de São Joaquim da Grama

29 de fevereiro de 1876	Rev. Pe. José Silverio da Luz	Oratório
5 de julho de 1881	Rev. Vigário Pe. Jose Nogueira da Silva	Oratório
29 de outubro de 1882	Rev. Pe. Ayres da Silva Costa	Oratório

13 dezembro de 1884	Rev. Vigário José Peres de Souza	Oratório
30 de outubro de 1897 até 07 de março de 1899	Capelão Rev. João de Maria	Capela

### **Ficha técnica do Inepac**

Nome: Igreja de São Joaquim da Grama Número do processo: E-03/1.800/89 A igreja, originalmente pertencente à antiga fazenda de São Joaquim da Grama, foi construída pelo comendador Joaquim de Souza Breves em 1809 a cerca de 1 km da casa de fazenda. De imponente arquitetura classicizante, a igreja de planta complexa e simétrica, se destaca na paisagem vazia com suas duas torres próximas sobre a nave. Há muitos anos abandonada, encontra-se sem cobertura e em processo de arruinamento. Tombamento Provisório: 16.02.1990

Tombamento Definitivo:

Localização: 3º distrito, Rio Claro, RJ.

### **Referências Bibliográficas**

BEILER, ALOYSIO CLEMENTE MARIA INFANTE DE JESUS BREVES. Cidades Mortas: Declínio econômico das cidades do médio Paraíba na província do Rio de Janeiro no ciclo café. Aspectos econômicos, históricos e sociais das cidades de Piraí, São João Marcos e Rio Claro no período de 1860 - 1900. Monografia (MUDES-UNIFOA), Rio de Janeiro, 2001.

BEILER, ALOYSIO CLEMENTE MARIA INFANTE DE JESUS BREVES. "O Imperador do Café". Revista de História da Biblioteca Nacional. Edição Junho/2007, No. 21, Rio de Janeiro, 2007.

BREVES, Armando de Moraes. O Reino da Marambaia. Rio de Janeiro; Gráfica Olímpica Editora Ltda; 1966.

BREVES, Reynato Frazão de Souza. A saga dos Breves. Editora Valença. Rio de Janeiro; 1995.

CAFÉ, Departamento Nacional. Segundo Centenário da Introdução do Café no Brasil. Rio de Janeiro – 1927.

GRIECCO, Agrippino. Recordações de Um Mundo Perdido. Livraria José Olímpio Editora; Rio de Janeiro – 1955

LAEMMERT, Almanak; Administrativo e Industrial da Côrte e Província do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro - (1860-1889) Biblioteca Nacional

LAMEGO, Alberto Ribeiro. O Homem e a Serra. Biblioteca Geográfica Brasileira; Rio de Janeiro – 1950.

PAULA, Dilma Andrade de. O rei do café. História de Rio Claro. Rio de Janeiro; 1996.

PINHO, Wanderley de. Salões e Damas do Segundo Reinado. Livraria Martins Editora - 2ª Edição; São Paulo, 1945.

RENAULT, Delso; A Escravidão no Império; Rio de Janeiro; 1891 - 1ª edição

TAUNAY, Afonso de Escragolle; História do Café no Brasil; Edição do Departamento Nacional do Café; Rio de Janeiro – 1939.

ZALUAR, Augusto Emilio. Peregrinações pelas Províncias de São Paulo e Rio de Janeiro. Livraria Itatiaia Editora Ltda. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo; 1975.

*(Fls. 50 Livro de Bulas e Breves. Secretaria de Estado dos Negócios do Império).*

#### *Anexos*

*Anexo 1 – Transcrição do Testamento do comendador Joaquim José de Souza Breves com a Declaração de construção da capela de São Joaquim da Grama.*

*Anexo 2 – Requerimento relatando a conclusão do cemitério da capela de São Joaquim da Grama. Original e transcrição – Arquivo Municipal de Pirai, RJ.*

Ilmo ... Presidente ... da Comarca Municipal da Cidade de Pirahy

Diz Joaquim José de Souza Breves, inventariante e testamenteiro do seu falecido pai Comendador Joaquim José de Souza Breves, que tendo

acabado as obras do Cemitério, construído em virtude da verba testamentária de seu falecido pai, junto à Capella de S. Joaquim da Gramma em terrenos do distrito de São João Baptista do Arrozal deste município, pede a V. Sas. que se dignem determinar o benzimento do mesmo Cemitério...para que nele sejam feitos enterramentos de acordo com o pedido do mesmo testador. O supplicante assina ... para que os enterramentos possam prejudicar a ordem pública como... e portanto pedem deferimento.

Pirahy, 23 de julho de 1895

Joaquim José de Souza Breves

Anexo 3 – Câmara Municipal de Pirai concedendo licença para abertura do cemitério da Capela de São Joaquim da Grama a Joaquim José de Souza Breves Filho. Em 09 de agosto de 1895.

Anexo 4 – Interdição canônica da capela de São Joaquim da Grama pelo Bispo Dom Agnello Rossi – 16 de abril de 1962.

Anexo 5 – Licença para que a Nunciatura Apostólica impetre Breve para celebrar missas no Oratório da Fazenda da Grama.

Sua Alteza Imperial A Regente em nome do Imperador, attendendo ao que representou o Comendador Joaquim José de Souza Breves, morador em sua fazenda denominada São Joaquim, sita na Freguezia do Passa Tres, Província do Rio de Janeiro:

Há por bem conceder-lhe licença para que da Nunciatura Apostolica impetre Breve que o permita, durante sua vida e salvo direitos parochiaes fazer celebrar o Santo Sacrifício da Missa no oratório da referida fazenda.

Palácio do Rio de Janeiro, em 30 de agosto de 1871.

João Alfredo Correa de Oliveira

Anexo 6 – Visita do Padre Pedro Mottula ao Oratório da fazenda da Grama.

*IGREJA DE SÃO JOAQUIM DA GRAMA  
Rio Claro – RJ Projeto: Executivo de Restauração  
Data de Execução: 2014 – 2016 Tombamento: INEPAC  
Astorga Arquitetura, Instituto Cidade Viva.  
Rio de Janeiro, 08 de outubro de 2014.  
Aloysio Clemente Breves Beiler  
soubreves@yahoo.com.br*